

As possibilidades referenciais de lexias: a contribuição da Linguística Textual

Rosângela Gomes Ferreira¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo descrever as possibilidades referenciais da lexia “bolsa” a partir das formações inéditas que encontramos em jornais de grande circulação do país. Para tal análise, o estudo apoiar-se-á na Linguística Textual, conforme Koch (2006) e na Teoria da Referenciação, segundo Mondada e Dubois (1995). A descrição aponta para a noção de que o sentido das palavras é uma negociação sociointeracional.

PALAVRAS-CHAVE: Bolsa, Referenciação, Texto, Objeto-do-discurso.

Introdução

A palavra *bolsa* tem sido bastante recorrente na imprensa atualmente, como se pode observar nas formações surgidas nos jornais *O Globo*, *O Dia* e *O Estadão*: **bolsa blindagem**, **bolsa floresta**, **bolsa boiola**, **bolsa estupro**, **bolsa aluguel**, **bolsa gargalhada**, **bolsa táxi**, por exemplo. Porém, o significado que está sendo instanciado por meio da palavra *bolsa* é bastante específico em cada texto².

O presente trabalho visa a promover uma discussão a respeito do processo de referenciação das lexias formadas a partir de *bolsa*, isto é, como o conceito de *bolsa* se estabelece em cada texto, tendo como base o advento da Linguística Textual (KOCH, 2006) e sua Teoria de Referenciação, sem as quais não poderíamos descrever tal fenômeno, pois essa perspectiva entende a língua não como um sistema ontológico que representa o mundo, mas sim como um sistema simbólico que guia o sentido.

A Teoria da Referenciação adotada neste artigo é a formulada por Mondada e Dubois (1995) e propõe que os referentes textuais são objetos do discurso e não objetos do mundo, pois são desenvolvidos no ato comunicativo pelos sujeitos que os constroem. A realidade, nesse sentido, não pré-existe ao discurso. Com este ponto de partida, tentaremos evidenciar os seguintes aspectos presentes nos textos das autoras: i) a

¹ Mestranda de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² Os *corpora* analisados foram recolhidos em textos jornalísticos com a ajuda do site de busca eletrônica www.google.com.br e do endereço www.globo.com.

dinamicidade do processo de referenciação, ii) sua propriedade de discretização, iii) instabilidade referencial e iv) o papel das habilidades cognitivas e dos aspectos culturais na negociação da referência.

1. A Linguística Textual e a Referenciação

A Linguística Textual (LT), teoria recente e forte nos estudos atuais, desde o seu aparecimento até hoje, vem se desenvolvendo e já percorreu três diferentes fases ao longo de apenas 40 anos.

Inicialmente, a LT preocupava-se, basicamente, com as relações gramaticais entre as frases do texto e, além disso, texto e discurso eram considerados elementos distintos. Num segundo momento, a LT ganha novas dimensões: a língua deixa de ser uma entidade autônoma e passa a ser vista como um mecanismo comunicativo de uma dada sociedade, ou seja, uma prática de comunicação social em que o contexto situacional (não-linguístico) tem um valor fundamental. Em sua terceira fase, denominada “virada cognitiva” (KOCH, 2006:37), a LT defende que o texto é resultante de um processo mental. As pessoas envolvidas no processo comunicativo *“possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividade da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso.”* (idem).

Então, envolvem-se conhecimentos, expectativas e experiências acumulados e ativados no ato da comunicação, tanto para quem fala como para quem ouve.

Assim, o texto é um lugar de interação social onde todos os interlocutores são autores do texto, ativos, na mesma proporção. O sentido do texto vai sendo construído a partir de uma realidade que, por sua vez, é mediada pela cognição. Por isso, o contexto, que anteriormente era visto como co-texto, passou a ser fundamental para a significação de um enunciado, que não pode jamais ser entendido fora do seu entorno social, histórico e cultural e os sentidos anteriormente ditos extralingüísticos são o que, na verdade, direcionam o lingüístico. O sentido do texto se dá na interação.

Nessa perspectiva é que surge a Teoria da Referenciação. Segundo a LT, *“os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas versões públicas do mundo”* (MONDADA e DUBOIS, in CAVALCANTE et alii, 2003:17) e, nesse sentido, as categorias não são preexistentes nem etiquetam as coisas no mundo, pois as coisas não são previamente categorizadas. O discurso é o lugar onde se organiza o mundo.

As categorias são feitas, conforme já dito anteriormente, dentro de uma realidade que é mediada pela nossa mente. E a nossa mente é corporificada, ou seja, busca recursos nas percepções e características da espécie, nas experiências físicas, corporais, sensório-motoras básicas de que somos capazes – como deslocamento de espaço, transferência e aproximação de objetos, superação de obstáculos etc. –, vinculados à compreensão de que o falante tem de si mesmo e do ambiente, e nas experiências sócio-culturais. Desse modo, há um rompimento com a noção de “referente” e, portanto, com a idéia de que seja possível uma correspondência exata entre as palavras e as coisas.

Portanto, as categorias, nomeações e objetos de discurso são sempre resultados de um processo interativo de comunicação, ou seja, constroem-se e reconstróem-se no discurso e são, então, instáveis, conforme propõem Mondada e Dubois (idem), ao afirmarem que *“as categorias e os objetos de discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, atividades verbais e não verbais, nas negociações dentro da interação.”*

2. A Referenciação sob a ótica de Mondada e Dubois

Referenciação são as muitas formas de introdução, num texto, de novos referentes ou entidades.

A referenciação é um processo dinâmico, pois lança mão das crenças, atitudes, opiniões, propósitos comunicativos e percepções de mundo do falante no interior do texto, sendo construídos e reconstruídos, diferenciando-se do conceito de referência, cujos referentes são objetos estáticos, pois designariam diretamente coisas do mundo real, como se fossem espelhos do mundo.

A referenciação não é algo que estabiliza uma relação direta com o mundo – isso é a referência – mas sim *“um processo que se desenvolve seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros, e por meio de mediações semióticas complexas”*. (MONDADA e DUBOIS, in CAVALCANTE et alii, 2003:22). As entidades são construídas individual e socialmente.

Então, a referenciação é uma atividade textual, em que o interlocutor, ao interagir com outros sujeitos, produz seu discurso a depender do que e de como quer referenciar a realidade e não da realidade externa ao discurso, como se esta tivesse apenas uma maneira de ser descrita. A referenciação se constrói ou mesmo reconstrói no processo interativo, conforme afirma Koch (2007:124): *“o sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição e procede*

a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com a sua proposta de sentido”. Resumindo: a referenciação é um processo complexo que necessita ser analisado na atividade sócio-interativa.

Mondada e Dubois (1995) elucidam a importância de observar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas estruturam e dão sentido ao mundo. Em outras palavras, como as pessoas vêem e descrevem a realidade, pois “*os sujeitos constroem versões públicas do mundo*”.

Se os sujeitos criam suas próprias versões para o mundo e se tais versões são instanciadas no decorrer do discurso, é claro que os referentes são instáveis e dinâmicos, pois mudam a cada interação, cada negociação comunicativa. E nós jamais poderemos prever que aspecto será evocado. As autoras afirmam que **1)** “*as categorias utilizadas para descrever o mundo mudam sincrônica e diacronicamente*” (MONDADA e DUBOIS, in CAVALCANTI et alii, 2003: 22); **2)** “*as categorias não são nem evidentes nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado de reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos.*”, (MONDADA e DUBOIS, in CAVALCANTI et alii, 2003: 28); e **3)** “*a instabilidade caracteriza o modo normal e rotineiro de entender, descrever e compreender o mundo – e lançar, assim, a desconfiança sobre toda descrição única, universal e atemporal do mundo.*”(idem).

Por fim, destaca-se a noção de que “*a referenciação adequada é um processo de construção de um caminho ligando diferentes denominações aproximadas que não são excluídas pela última escolha.*” (MONDADA e DUBOIS, in CAVALCANTE et alii, 2003:30). Essa afirmação é bastante importante, pois percebemos que, apesar de as referenciações serem instáveis e dinâmicas e discretizarem a língua e o mundo, dando sentido a eles, não são aleatórias e trazem em si alguma propriedade previsível, pois, para que a comunicação aconteça, é preciso que o falante seja compreendido pelo seu interlocutor, o que não seria possível se usássemos formações lexicais não motivadas.

Uma prova disso é que nós sempre fazemos uso automático das palavras, sem parar para pensar nelas e sem nos dar conta que, muitas vezes, essas unidades com que formamos nossos enunciados não estavam disponíveis para uso e fomos nós mesmos que as formamos no discurso. Da mesma maneira, quando lemos um texto, geralmente, não notamos que algumas palavras encontradas no texto não faziam parte do nosso vocabulário anterior à leitura.

Claro, se não fosse assim, não haveria por que descrever o sistema linguístico, pois este poderia ser arbitrário e as negociações linguísticas por si só dariam conta do entendimento comunicativo, o que complicaria a noção de língua como identidade e representação de uma sociedade, cultural e historicamente situada.

Portanto, para que um rótulo ou uma nomeação seja plenamente aceitos e compreendidos no processo comunicativo, é necessário partir da noção prototípica³ de tal objeto discursivo disponível na língua, como afirmam as autoras:

“Em termos de processos de categorização, pode-se dizer que uma categoria prototípica ou estereotípica é primeiro considerada como a base mais disponível e compartilhável para a comunicação; em seguida, são operadas modificações que fazem a entidade passar de um ponto central de seu domínio semântico para o ponto periférico, ou que provoca uma recategorização radical.” (MONDADA e DUBOIS, in CAVALCANTE et alii, 2003:32).

Finalizada a apresentação sobre os aportes teóricos, passemos às análises de dados.

3. Análise de dados: o caso do padrão “bolsa”.

A palavra bolsa originou-se do latim “*bursa*” 'bolsa, receptáculo, mercado de bens e moedas' e do grego “*Búrsa*” 'pele curtida, couro, odre para vinho'.⁴ Assim, vemos que o sentido de bolsa tal como conhecemos hoje e tal como se fixou na língua é decorrente de uma extensão metonímica, pois, a partir do material de que era feito – “couro”, primeira acepção de bolsa –, formou-se a acepção “utensílio que carrega algo de valor”.

Com o uso, a palavra passa a referir a ajuda de custo ou auxílio para um determinado fim social e de cunho institucional, sendo um rendimento periódico, recorrente, frequentemente mensal. Assim é que aparecem na língua, num determinado momento social e histórico do nosso país, as formações como “**bolsa-família**” e “**bolsa-escola**”, que designam respectivamente

“um programa de bem-estar social desenvolvido pelo governo federal brasileiro em 2003 para integrar o Fome Zero, e é tecnicamente chamado de mecanismo condicional de transferência de recursos . Consiste-se na ajuda financeira às famílias pobres e indigentes do país, com a condição de que estas mantenham seus filhos na escola e vacinados. O programa visa reduzir

³ Entendemos que a noção de protótipo adotada pela LT é bastante similar à definição proposta pela Linguística Cognitiva, conforme Langacker (1987): o protótipo é o membro da categoria que abarca o maior número de propriedades definitórias para essa classe, opondo-se aos membros da categoria mais radiais, que não abarcam um número grande de características da classe, mas mantêm alguma propriedade que a define. Assim, a prototipicidade de um item é dada em graus. A teoria dos protótipos é, na verdade, proposta por Rosch (1978), que os define como “os membros da categoria que mais refletem a estrutura recorrente da categoria como um todo”.

⁴ Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Versão 1.0. Dezembro 2001.

*a pobreza a curto e a longo prazo através de transferências condicionadas de capital, o que, por sua vez, visa acabar com a transmissão da miséria de geração a geração” e “um programa educacional brasileiro idealizado por Cristovam Buarque quando ele era governador do Distrito Federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 1995, cujo objetivo é pagar uma bolsa às famílias de jovens e crianças de baixa renda para frequentarem a escola regularmente. O programa Bolsa Escola chegou a ser implementado também pelo governo federal e, em 20 03, foi incorporado no Programa Bolsa Família”.*⁵

Nos dias atuais, e já há algum tempo, temos vivido uma política de compensação em que o governo oferece algum auxílio aos cidadãos na tentativa de suprir a falta de algum direito ou benefício. Por isso é que se oferecem medidas compensatórias que são, muitas vezes, máscaras para o fracasso ou a corrupção presentes no meio político.

É aí que surgem, então, na imprensa, com base nessa acepção que tomamos como prototípica, palavras como **bolsa blindagem**, **bolsa floresta**, **bolsa boiola**, **bolsa estupro**, **bolsa aluguel**, **bolsa gargalhada**, entre outras, que só podem ser apreendidas se os sujeitos levam em conta esse momento sócio-histórico-cultural. Por isso, a LT defende que as categorizações da língua são revestidas de ideologia e seu uso depende não apenas dos objetivos do produtor, mas da quantidade de informação disponível a partir do texto e do contexto e das atitudes, opiniões, crenças e experiências que possibilitam a compreensão e a referenciação:

“O processamento textual é estratégico. As estratégias de processamento textual implicam a mobilização “on-line” dos diversos sistemas de conhecimento, podendo ser de ordem predominantemente cognitiva, sociointeracional e textual. O processamento estratégico depende não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua, tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo, quer se trate do conhecimento do tipo episódico, quer do conhecimento mais geral e abstrato, representado na memória semântica ou enciclopédica. Isto é, as estratégias cognitivas são estratégias de uso do conhecimento.” (KOCH, 2006: 39)

Vejamos como isso acontece no padrão “bolsa” a partir da análise dos textos selecionados.⁶

3.1. Bolsa Blindagem

O **bolsa blindagem**⁷, do escritor João Ubaldo Ribeiro, publicado em setembro de 2008 no jornal “O Globo”, aponta para a necessidade de tornar popular e aumentar a “*indústria da blindagem, pelo menos no eixo Rio-São Paulo*” afirmando que “*não há como projetar a trajetória galopante dessa nova atividade econômica, que certamente nos levará em breve à liderança mundial no setor, ainda mais se o governo vier a*

⁵ http://pt.wikipedia.org/wiki/Bolsa_fam%C3%ADlia.

⁶ Os endereços eletrônicos dos textos se encontram na seção de referências bibliográficas.

⁷ <http://www.almacarioca.net/o-bolsa-blindagem-joao-ubaldo-ribeiro/>

intervir, com a sabedoria e a presciência que o caracterizam.”. Ou seja, o autor sugere que a “blindagem” é uma “atividade econômica” que está crescendo, em apartamentos, automóveis e no que mais for necessário e que o governo deve criar uma bolsa para tal fim, deixando-o satisfeito: *“E mais satisfeito ainda ficarei quando o governo, destinando para isso uns oito ou dez bilhões de euros tirados do caixa pequeno do Prê-Sal, criar o programa **Bolsa Blindagem**”*.

Assim, o conceito de *bolsa* que até então era associado à contribuição obrigatória, regular, fundamental, destinado geralmente a pessoas de baixa renda, aponta aqui para um caráter supérfluo, embora ainda governamental, e sem a propriedade periódica que bolsa costuma carregar, além de ser um “benefício” destinado à classe alta, conforme os termos destacados nas seguintes cenas propostas na crônica:

“Casal lindo no esplendoroso living de um apartamento bem decoradíssimo, assistindo, na companhia de três ainda mais lindos petizes, a uma tevé de 240 polegadas, ou do tamanho mais próximo a isso que deverá ser obtido até lá, ou seja, toda a parede. Cena 2: Estampido e leve barulho de choque, vindo da janela, para onde todos olham. Cena 3: Ninguém se abala e o pai comenta: “AR-15 de novo, parece até pipoca, nessa nossa janela. Será que eles não arranjam nada de mais moderno? Bazuca só teve daquela vez, lembram? Naquela hora, eu pensei que tinha alguém batendo no vidro da janela.” Mais uma ou duas cenazinhas dessa invulnerabilidade tão relaxante e a voz do locutor, em off: “Condomínio Fort Knox — mais um blindado da Construtora Bunker, a única com SAI — o Selo Aquiles de Invulnerabilidade. E com vista para o mar, é claro.”

Trata-se então de um processo de discretização do conceito de *bolsa* tal como ele é conhecido. Porém, nenhum falante tem dificuldade de compreendê-lo, já que o que referencia vem sendo construído e detalhado ao longo do texto, além de manter alguma propriedade definitiva de *bolsa*, como o caráter governamental.

A escolha do item lexical *bolsa* comprova o que afirmam Mondada e Dubois (1995), já mencionado aqui, a respeito do processo de referenciação, que, feito de maneira adequada, pode ser visto como um processo de construção que liga diferentes denominações próximas que não se excluem pela última escolha. Dito de outra forma, uma referenciação, que em princípio não seria bem colocada, pode ser a melhor maneira de nomear o que se quer a partir do que se constrói no interior do próprio discurso.

3.2. Bolsa Aluguel

O **Bolsa Aluguel**⁸ foi publicado no jornal “O Dia”, em dezembro de 2008, por Cristiane Campos. Aqui, *bolsa* mantém seu caráter governamental – “*o Bolsa-Aluguel será mais um serviço que o governo federal vai prestar à população de baixa renda, como já ocorre com a Bolsa-Família*”.

Aqui, *bolsa* assemelha-se a auxílio a fundo perdido com fins sociais, como em *bolsa-família*, mas não é uma *bolsa* a ser paga pelo governo e sim um projeto de “*locação social, para ocupar 5 milhões de imóveis urbanos vazios no País*”, isto é, tratam-se locais desativados que serão oferecidos pelo governo à população, com o objetivo de reduzir a favelização, “*que poderão ser ocupados de graça ou mediante um pagamento mínimo mensal de valor ainda não definido*”.

Apesar de se tratar de um projeto do governo de cunho social, mensal, a famílias menos favorecidas economicamente, mais uma vez vê-se a discretização de *bolsa*, em que quem paga é o próprio beneficiário.

3.3. Bolsa Floresta

O **Bolsa Floresta**⁹ de Miriam Leitão, publicado em julho de 2008, também no jornal “O Globo”, é um

“projeto da Fundação que foi criada pelo governo, mas não é governamental, e que tem a função de implementar o Bolsa Floresta, uma transferência de renda para pessoas que vivem perto das áreas de preservação estadual. A idéia é que elas sejam envolvidas no projeto de preservação e que recebam R\$ 50 por mês, por família, como uma forma de compensação pelos serviços que prestam.”

O projeto tem como objetivo prevenir o desmatamento da Amazônia, que vem ocorrendo de maneira devastadora, desfavorecendo os interesses sociais e políticos. Porém, a *bolsa* de R\$ 50,00 mensais por família, tem, na verdade, cunho salarial (baixíssimo), na medida em que é paga em troca de um serviço prestado por essas famílias ao governo. Portanto, *bolsa* aparece novamente discretizada, sendo compreensível apenas no e pelo texto e seu contexto sócio-histórico-cultural. A instabilidade referencial está presente até mesmo nas formações paradigmáticas, que pressupõem um sentido comum e previsível.

Ainda sobre o **Bolsa Floresta**, vejamos o texto de Luiz Alberto Monjelo¹⁰, de junho de 2007.

⁸ odia.terra.com.br/economia/htm/vem_ai_o_bolsa_aluguel

⁹ http://oglobo.globo.com/economia/miriam/post.asp?t=bolsa-floresta&cod_Post=114938&a=73

¹⁰ <http://portalamazonia.globo.com/detalhe-artigo.php?idArtigo=295>

A **Bolsa Floresta** de que fala o autor é “*a criação de um fundo internacional de incentivo para a redução do desmatamento em países em desenvolvimento*”.

Supostamente, teríamos a mesma referenciação. Mas observamos que o referente é diferente. Temos um fundo internacional e não uma doação do “*Bradesco e o governo estadual*”, ou “*da rede americana de hotéis Marriott*”, como no texto anterior. Além disso, está relacionado à “*criação de áreas protegidas*”, com “*a presença de escola e as políticas de qualificação de recursos humanos*”, e não mais se associa à **bolsa** de R\$50,00 paga mensalmente às famílias locais, conforme a referência exposta no texto da Miriam Leitão, apresentado acima.

Assim, tem-se um prova de que as referenciações acontecem no discurso, no momento da enunciação, sendo, portanto, instáveis e dinâmicas.

3.4. Bolsa Gargalhada

A **Bolsa Gargalhada**¹¹ foi publicada em dezembro de 2008, e parece-nos exemplo mais inusitado. No texto, **bolsa** faz referência “*aos artistas que me fazem rir, que se oferecem ao ridículo, ao constrangedor e ao grotesco, só para nos divertir, rindo deles - e de nós mesmos*”. Muito bem explicado no texto é que tais artistas não são todos ou qualquer artista que nos fazem gargalhar, e sim os artistas que atuam em “*Toma lá, Dá cá*” - “*“Toma lá, Dá cá” é o sucesso do momento da TV. Criado por Miguel Falabella, dirigido por Roberto Talma e com um sensacional elenco de comediantes...*”.

Ou seja, não há um fundo governamental, nem investimento financeiro, não há uma política social nem é um projeto para mascarar alguma necessidade emergencial da população ou algum interesse do Estado. Também não é destinado a famílias de baixa renda. A propriedade de **bolsa** que é mantida é a periodicidade, que, mesmo assim, é semanal e não mensal, como de costume, e pode se confirmar com o último parágrafo da crônica: “*Para quem ainda não sabe, por conta da estréia da minissérie “Capitu” - que, por sinal, foi mara! - o episódio semanal de “Toma lá, dá cá” foi transferido de ontem para hoje.*” E pela seguinte frase do primeiro parágrafo: “*semanalmente eles nos oferecem uma generosa sessão de gargalhadas que aliviam, acalmam e até rejuvenescem*”.

¹¹ <http://resende.blogspot.com/2008/12/bolsa-gargalhada.html>

Além disso, aproveitando a noção de **bolsa**, o autor destaca que os artistas (a sua **bolsa gargalhada**) prestam serviços à população, como se quisesse justificar o uso de **bolsa**, já que a referência está totalmente discretizada: “*esses artistas populares merecem mais respeito e reconhecimento por serviços prestados ao público do que a maior parte das produções que nos vendem como artísticas e culturais*”.

A esse respeito, Koch (2004) declara que

““*endereços*” ou *locações cognitivas* já existentes podem ser constantemente modificados ou expandidos, de modo que, durante o processo de compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas categorizações/ou avaliações acerca do referente.”(KOCH, 2004:11).

Essa afirmação pode ser comprovada pelo exemplo analisado anteriormente, **bolsa-gargalhada**, pois no mesmo foi proposta uma “modificação” do conceito de **bolsa** tal como o conhecemos, e a unidade referenciada torna-se “*extremamente complexa*” pelo acréscimo de nova categorização dada a esse referente.

3.5. Bolsa Boiola

A **Bolsa Boiola**¹² está concorrendo com **Bolsa Gargalhada** o prêmio de mais surpreendente. O texto, também publicado em dezembro de 2008, usa **bolsa boiola** como um novo objeto de discurso, jamais pensado anteriormente, que faz referência à “*15 milhões de lubrificantes KY para distribuir aos gays*”, e à “*distribuição de camisinhas e de pênis de borracha e uma cartilha ensinando as técnicas mais prazerosas do sexo anal*” destinadas à comunidade gay do país, projeto do Ministro da Saúde – José Gomes Temporão.

Nesse discurso, **bolsa** refere-se a camisinhas, lubrificantes (KY), pênis de borracha e uma cartilha, e não a uma **bolsa** tal como conhecemos, como um auxílio. Porém, a referenciação é possível, pois a verba usada para tais aquisições é retirada dos cofres públicos, bem como acontece com a **bolsa escola**, a **bolsa família** e como seria a **bolsa blindagem**.

O que possibilita essa extensão de referencialidade da palavra **bolsa**, tal como vem sendo empregada, são as noções, mesmo que inconsciente por parte dos falantes, de que a língua ativa significado e não tem significado, como se acreditava anteriormente, e de que o significado é criado no discurso.

¹² <http://www.conteudo.com.br/studart/manifesto-contr-a-ditadura-gay-o-bolsa-boiola-e-o-k-y-do-temporao>

3.6. Bolsa Estupro

A **Bolsa Estupro**¹³ estabelece um conceito de bolsa bem diferente do anterior. Escrito por Simone Iwasso, trata-se de um

“projeto de lei em tramitação no Congresso pretende combater o aborto em gestações resultantes de estupro - prática permitida no Brasil desde o Código Penal de 1940 - com base em um pagamento pelo Estado de um salário mínimo para a mulher durante 18 anos. A idéia que se propõe com a bolsa citada é de "dar estímulo financeiro para a mulher ter o filho. ... A proposta inclui ainda outro item bastante polêmico, que prevê que psicólogos, pagos pelo Estado, devam atender essas mulheres para convencê-las da importância da vida, fazendo com que elas desistam do aborto.”

O conceito de **bolsa** corresponde então a um salário mínimo pago pelo governo durante 18 anos a mulheres que engravidaram após serem estupradas e o tratamento com psicólogos pagos pelo governo para influenciar essas mulheres a não abortarem. Assim, mantemos o caráter periódico de **bolsa** (mensal), paga pelo governo, com um fim social, retomando uma noção de **bolsa** já bem institucionalizada em nossa sociedade. Verifica-se, novamente, o quanto há instabilidade no processo referencial, pois mesmo que estejamos diante de um sentido já estabelecido em nossa língua, precisamos analisar o texto e perceber como essa entidade – **bolsa** - foi apresentada e negociada ao longo do discurso.

Além disso, outro fator importante a ser destacado é o cunho religioso que envolve tal **bolsa**, conforme podemos verificar a partir das afirmações do deputado Henrique Afonso, autor do projeto:

“O aborto, para nós evangélicos, é um ato contra a vida em todos os casos, não importa se a mulher corre risco ou se foi estuprada” e ainda “Essa questão do Estado laico é muito debatida, tem gente que me diz que eu não devo legislar como cristão, mas é nisso que eu acredito e faço o que Deus manda, não consigo imaginar separar as duas coisas.”

Esse aspecto é bastante particular, pois contraria a estrutura legal do nosso país e o sistema de bolsas que conhecemos, principalmente porque é decorrente de fundos governamentais.

A advogada Samantha Buglione, do Instituto Antígona e das Jornadas Pelo Direito de Decidir, sem entender esse caráter de **bolsa**, opina: *“Há uma confusão no entendimento de alguns parlamentares entre direito e moral, entre religião e política pública”* e *“Desse modo, propostas como essas corrompem toda a estrutura legal que nós temos, pois pretendem impor uma determinada crença, um pensamento único, baseado numa moral”*, complementa.

¹³ http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20071213/not_imp95241,0.php

Enfim, em todos os exemplos apresentados, há um desbotamento do conceito de **bolsa** e esse só pode ser entendido no decorrer desses textos onde estão inseridos.

Isso comprova o caráter dinâmico – já que o conceito varia – e instável – pois não podemos prever que aspecto será evocado – do processo de referência, na medida em que os objetos do discurso são instanciados em cada texto e se (re)constróem a partir das negociações cognitivas e discursivas **estabelecidas no texto**.

O quadro a seguir sintetiza a análise descrita e esclarece melhor essa noção:

Formação lexical com a lexia “bolsa”	Referência atribuída à “bolsa” no texto analisado	Propriedades de “bolsa” mantida no texto	Propriedades que fogem ao conceito prototípico de “bolsa”
Bolsa-Blindagem	Sugestão do autor de uma bolsa paga pelo governo na tentativa de proporcionar à população o direito de blindar casas, carros e o que mais for necessário	- Pago pelo governo - Medida emergencial	- Destina-se à classe alta - Caráter supérfluo - Não é periódico - Não tem fins sociais
Bolsa-Aluguel	Serviço de locação social proporcionado pelo governo a famílias de baixa renda	- Caráter governamental - Fim social - Destinado à população de baixa renda	- Ocupação de lugares desativados – não é um pagamento - O benefício exige pagamento por parte do beneficiário
Bolsa-Floresta	R\$ 50,00 pagos a cada família que prestar serviços ao governo	- Periodicidade - Auxílio financeiro	-Não é governamental -Não possui um fim social e sim político -Não se trata de uma ajuda e sim pagamento em troca de serviço
Bolsa-Floresta	Criação de áreas protegidas, com “a presença de escola e as políticas de qualificação de recursos humanos”	-Fundo governamental -Fim social	-Trata-se de um serviço, mas sem pagamento, sem auxílio financeiro -Não é periódico
Bolsa-Gargalhada	Artistas do programa da TV Globo “Toma Lá, Dá Cá” que nos fazem rir, que nos divertem	Periodicidade	-Trata-se de pessoas e do que elas proporcionam -Não há fundo governamental

			-Não há investimento financeiro
Bolsa-Boiola	Camisinhas, lubrificantes (KY) e pênis de borracha e uma cartilha ensinando as técnicas mais prazerosas do sexo anal destinadas à comunidade gay do país.	-A verba é decorrente dos cofres públicos -É destinado a um público marginalizado, que, de alguma maneira, encontra dificuldade de inserção social	-Trata-se de objetos a serem distribuídos -Não é periódico
Bolsa-Estupro	Salário mínimo pago pelo governo por 18 anos a mulheres que foram estupradas e engravidaram e o tratamento com psicólogos pagos pelo governo para influenciar essas mulheres a não abortarem.	-Pagamento governamental -Periodicidade -Finalidade social	-Tratamento médico -Não é destinado à classes desprivilegiadas. -Caráter religioso

Assim, percebemos também a relação indireta entre os discursos e o mundo, pois a língua não representa previamente a realidade já existente e sim criamos uma realidade a partir de usos linguísticos mediados pela cognição e atividades humanas, conforme já mencionamos neste artigo.

4. Considerações finais

A partir do que foi exposto, podemos perceber a importância da Teoria da Referenciação proposta pela LT no entendimento das categorizações e dos objetos discursivos que são criados em cada situação comunicativa.

Tentamos mostrar, com a análise das formações com base na lexia *bolsa*, em textos colhidos da mídia, como o processo de referenciação é dinâmico, na medida em que muda; é instável, já que não sabemos nunca previamente qual será o aspecto evocado em cada referenciação discursiva; discretiza o mundo, pois transforma radicalmente a questão da referência, e ainda, como as habilidades mentais, o conhecimento, a experiência e os aspectos socio-histórico-culturais ancoram e contribuem para a construção de uma categoria, para a criação da realidade.

A referência, que era então entendida como algo prévio, estático e estável, como algo que representa o mundo tal como ele é, dá lugar à referenciação, que enfatiza o processo, onde, pelo contrário, somos nós, sujeitos do discurso que contruímos e reconstruímos as entidades, categorias e o mundo no interior do discurso. Não há um mundo autônomo das versões criadas pelos sujeitos discursivos.

Assim, *o texto é um lugar de interação social e construção de sentido.*

A noção de protótipo é relevante para que haja um “ponto de partida” na compreensão, entendimento, descrição e negociação que está sendo construído dentro de um texto. Por isso, foi possível a extensão de sentido referenciada pelo item *bolsa* em cada texto apresentado, que mantém, de certa maneira, alguma propriedade redundante de *bolsa*.

Como vimos, a referenciação *bolsa* em cada texto não poderia ser prevista, se estabeleceu e foi entendida somente no texto, tal como ele foi construído. Porém, mesmo com tantas imprevisibilidades, tentou-se manter ao menos uma propriedade definitiva de *bolsa*, como a verba pública em **bolsa boiola** e a periodicidade de **bolsa gargalhada**. Então, notamos que a extensão proposta discursivamente de um item lexical muitas vezes é tão grande que acarreta numa recategorização desse item.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Cristiane. **Vem aí o “Bolsa-Aluguel”**. Disponível em <odia.terra.com.br/economia/htm/vem_ai_o_bolsa_aluguel>. Acesso em: 27 dez. 2008.

GONÇALVES, Carlos Alexandre e ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. *Das relações entre forma e conteúdo nas estruturas morfológicas do Português*. In: **DIADORIM: Revista de Estudos Lingüísticos e Literários**. Org. Gonçalves e Almeida, UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2008, v. 4. p. 27-55.

HOUAISS, Antonio (et ali.). **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Instituto Antônio Houaiss/Objetiva. Versão 1.0, dezembro de 2001.

IWASSO, Simone. **Projeto de lei cria “ bolsa-estupro” para evitar que mulheres abortem**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadodehoje/20071213/not_imp95241_0.php>. Acesso em: 27 dez. 2008.

. **A construção de objetos-de-discurso**. *ALED* 2 (1), 2004. p. 7-20.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Referenciação e orientação argumentativa*. In: KOCH, Ingedore G. V.; MORATO & BENTES. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

_____. *Linguística Textual: um balanço e perspectivas*. In: TRAVAGLIA, L. C. (org.) **Encontro na linguagem: estudos lingüísticos e literários**. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 25-50.

_____ & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 122-135.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive grammar**. Stanford, Stanford Univ Press, 1987.

LEITÃO, Miriam. **Bolsa-Floresta**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/miriam/post.asp?t=bolsa-floresta&cod_Post=114938&a=73>. Acesso em: 27 dez. 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. (1995). *Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação*. In: CAVALCANTE, Mônica et al. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

MONJELÓ, Luiz Alberto. **Bolsa Floresta**. Disponível em: <<http://portalamazonia.globo.com/detalhe-artigo.php?idArtigo=295>>. Acesso em: 27 dez. 2008.

MOTTA, Nelson. **A bolsa-gargalhada**. Disponível em: <<http://resende.blogspot.com/2008/12/bolsa-gargalhada.html>>. Acesso em: 27 dez. 2008.

RIBEIRO, João Ubaldo. O Bolsa Blindagem. Disponível em: <<http://www.almacarioca.net/o-bolsa-blindagem-joao-ubaldo-ribeiro/>>. Acesso em: 27 dez. 2008.

STUDART, Hugo. **Abaixo a ditadura gay, o Bolsa-Boiola e o KY do Temporão**. Disponível em: <<http://www.conteudo.com.br/studart/manifesto-contra-a-ditadura-gay-o-bolsa-boiola-e-o-k-y-do-temporao>>. Acesso em: 27 dez. 2008.

Wikipédia, a enciclopédia livre. **Bolsa Família**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bolsa_fam%C3%ADlia>. Acesso em: 15 jan. 2009.

www.globo.com. Acessos em: 27 dez. 2008 e 15 jan. 2009.

www.google.com.br. Acessos em: 27 dez. 2008 e 15 jan. 2009.